

CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO: “EXISTE É HOMEM HUMANO. TRAVESSIA”¹Dirce Maria Antunes Suertegaray²

Resumo: Este artigo constitui uma leitura da obra do professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, elaborada para prestar uma homenagem a este eminente geógrafo brasileiro, a partir da leitura de parte de sua vasta produção, a qual é organizada em quatro movimentos: o primeiro, resgata parte de sua trajetória acadêmica; o segundo, expressa os elementos constituintes de sua construção geográfica, em relação aos conhecimentos científico e filosófico na Modernidade, enfatizando suas referências nestes campos do saber; o terceiro, expõe sua grande aproximação e seu conhecimento sobre Literatura, destacando sua proximidade com a obra de Guimarães Rosa — notadamente, *Grande Sertão: Veredas* —, de onde foram selecionadas as epígrafes incluídas neste texto; e o quarto movimento, constitui um relato de experiências, de afinidades, de influências de sua Geografia, em homenagem a sua memória.

Palavras-chave: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. Geógrafos brasileiros. Geografia brasileira.

CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO: “THERE IS A HUMAN MAN. CROSSING”

Abstract: This article is a interpretation of the work of Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, prepared to pay tribute to this eminent Brazilian geographer, from the study of a portion of his vast creation, which is organized in four movements: the first, rescues part of his academic path; the second, expresses the constituent elements of his geographical construction, in relation to scientific and philosophical knowledge in Modernity, emphasizing his references in these fields of knowledge; the third, exposes his great approximation and familiarity about Literature, highlighting his proximity to the work of Guimarães Rosa - notably, *Grande Sertão: Veredas* -, from which the epigraphs included in this text were selected; and the fourth movement, constitutes an account of experiences, affinities, and influences of his Geography, in honor of his memory.

Keywords: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. Brazilian geographers. Brazilian Geography.

CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO: "EXISTE ES HOMBRE HUMANO. TRAVESÍA"

Resumen: Este artículo es una lectura de la obra del profesor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, destinada a rendir homenaje a este eminente geógrafo brasileño, a partir del estudio de una parte de su vasta producción, la cual se organiza en cuatro

¹ Frase que finaliza o livro *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, escritor de cuja obra Monteiro era profundo conhecedor.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento de Geografia, Porto Alegre, Brasil, dircesuerte@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-3513-6376>

movimientos: el primero, rescata parte de su trayectoria académica; el segundo, expresa los elementos constitutivos de su construcción geográfica, en relación a los conocimientos científico y filosófico en la Modernidad, destacando sus referencias en estos campos del saber; el tercero, expone su gran cercanía y comprensión sobre la Literatura, destacando su proximidad a la obra de Guimarães Rosa - en particular, *Grande Sertão: Veredas* - de donde fueron seleccionados los epígrafes incluidos en este texto; y el cuarto movimiento, constituye un relato de vivencias, afinidades e influencias de su Geografía, en honor a su memoria.

Palabras clave: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. Geógrafos brasileños. Geografía brasileña.

Movimento 1 - Sua Geografia

Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais ainda não foram terminadas, mas que elas estão sempre mudando. Afinam e desafinam. (*Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas*)

Escrever sobre a trajetória intelectual de um grande nome da Geografia brasileira, no momento em que prestamos homenagem a este eminente geógrafo, exige reflexão e seleção de meios de abordagem, na tentativa de trazer a público o resgate de sua obra, que se inscreve no seu vasto currículo, no seu tempo de produção, na conjuntura socioeconômica que presenciou e nos caminhos geográficos que lhe permitiram significativas ponderações; legado que merece ser conhecido em sua verticalidade e em seu significado. A tarefa não é fácil, entretanto se buscou um meio de fazê-lo.

Esperamos que esta breve síntese do que corresponde ao engajamento e à contribuição do autor à Geografia estimule, sobretudo, os jovens estudantes e os profissionais que se dedicam a este campo do conhecimento, bem como a todos os que estão comprometidos com a construção de um mundo mais humano; um mundo que não desconheça a ciência como possibilidade de interpretação da realidade e nesta, não ignore suas interfaces, como suas relações com a Filosofia e com a Arte.

É esta dimensão humanista que vamos encontrar na produção acadêmica deste autor construída nos muitos lugares em que atuou, mas sempre espelhando suas raízes, o lugar em que nasceu: seu querido Piauí, estado que, segundo ele, é pouco conhecido, inclusive entre geógrafos e geógrafas, desde muito tempo.

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro viveu as contradições e as desigualdades presentes nas difíceis condições naturais do Nordeste e, da mesma

forma, os complexos problemas sociais que assolavam e que ainda persistem neste Brasil profundo, ainda tão desamparado.

Sua preferência, ao iniciar a formação, era pela História, ainda que, na sua geração, História e Geografia compunham um mesmo currículo. Como o próprio professor colocava, em inúmeras entrevistas e palestras, ao final, vai se dedicar à Geografia, à época, pautada pela influência francesa, trazida pelos docentes que viriam a institucionalizar a Geografia no Brasil, radicados nas duas universidades recém-criadas, USP e UFRJ, acrescidas do IBGE e da AGB, fundados na década de 1930.

A Geografia, que sempre pautou sua trajetória na busca da conexão homem-meio/sociedade-natureza, expressa, hoje, as possibilidades de distinção na forma de conceber a relação entre uma instância e outra.

No meu aprendizado da Geografia sempre a tive como algo “unitário” no encontro do natural com o social. Jamais me fechei no âmbito da Geografia Física e muito menos no setor de Climatologia – eleito mais por carência de atenção do que por preferência pessoal – procurando no proposto paradigma do “ritmo” dirigi-la diferentemente da Meteorologia para relacionar o comportamento atmosférico com a atividade do Homem. (MONTEIRO, 2006, p.17)

No movimento de seu pensamento, o geógrafo vai divulgando as mudanças ocorridas, a partir de meados do século XX, que se desdobram no início do século XXI, revelando, no processo, suas críticas e suas variações interpretativas.

Ao se inserir na Geografia, indica sua trajetória em conexão com a geografia brasileira e mundial, nesse sentido, periodiza a Geografia nacional em três momentos.

A primeira fase, Monteiro denomina **evolução**, associando-a à institucionalização da Geografia (entre 1930 e 1956), momento de marcada influência francesa, nomeadamente lablacheana, cujo legado reside no entrosamento entre natureza e sociedade.

As concepções da escola francesa, que nos norteava, sob influências vidalianas centravam-se nas relações homem-meio (sociedade – Natureza) o que resultava, malgrado a inegável dificuldade desse “objeto”, em bases filosóficas, moderações metodológicas, e técnicas bem menos complexas. Percebia-se naquele princípio de século que as diferentes ciências – tanto naturais quanto humanas – dispunham de limites bem claros. (Monteiro, 2006, p.15)

A segunda fase, que Monteiro chama **afirmação**, tem marco inaugural no Congresso Internacional da IGI, ocorrido no Rio de Janeiro, em 1956, e se estende a 1968. O geógrafo considera este período o de uma nova formação de geógrafos, que,

sob os auspícios do Estado nacional, vão se caracterizar pelo desenvolvimento da pesquisa em Geografia “[...] como poderoso auxiliar do poder público no desenvolvimento do país. A geografia dava suporte ao levantamento de recursos naturais e a regionalização” (Monteiro, 2006, p.9). Esse apoio era dominado pelo conhecimento no campo da Geografia Física.

A terceira fase, dita **revolucionária**, tem início em 1968 e persiste na atualidade, aglutinando-se na tendência mundial de avanço do capitalismo e nos desdobramentos da Guerra Fria, em que a Geografia claramente se direciona a componentes econômicas. Monteiro (2006) associa estas mudanças ao advento da questão ambiental (1972), “[...] ainda que neste período essa problemática tenha sido superada pela dimensão econômica”. É nesta ocasião que o período revolucionário deslança e que o geógrafo se integra a dois polos analíticos: o movimento teórico - quantitativo e a Nova Geografia (Geografia Crítica).

A par destas tendências e acompanhado de reflexões filosófica e científica, pode-se perceber os desdobramentos de sua busca. Nesse sentido, trazemos exemplos de obras que caracterizam a produção de Monteiro a cada tempo, bem como a sua busca por superação.

Ainda em formação acadêmica, e a partir de suas práticas no IBGE e na AGB, o professor publica *Notas para o Estudo do Clima do Centro Oeste Brasileiro*, em 1951, e, passados dez anos, enquanto sócio da AGB, coordena pesquisa sobre o Baixo São Francisco em Penedo (AL) — região de rizicultura, à época. No relatório desta análise, o autor expressa sua centralidade geográfica, elaborando uma investigação interdisciplinar, derivada da vinculação entre natureza e sociedade, reveladora de sua busca pela unidade na Geografia e de sua perspectiva social, manifestada na exposição das condições de vida dos camponeses.

Mais adiante, já professor da USP, publica, em 1973, uma pesquisa de 1964, chamada *Busca de um paradigma para os estudos do clima –IG/USP*, texto colocado no início do período dito revolucionário na Geografia brasileira — o ponto de mutação dos acontecimentos mundiais.

Estávamos na década de 1970, na emergência das questões ambientais e no advento do pensamento analítico, sustentado na visão sistêmica. À época, o professor Carlos Augusto participa ativamente das reuniões e dos comitês da UGI, aproximando-se do debate em questão, além de traduzir e de divulgar Sotchava e Bertrand no Brasil. Perspicaz na avaliação destes autores e, ao mesmo tempo,

considerando que a abordagem sistêmica poderia ser uma contribuição metodológica para a análise integrada na Geografia, desenvolve novos estudos e constrói uma visão sistemática que supera a perspectiva funcionalista, que fundamentava a abordagem à época e que, em parte, persiste até hoje. Sobre o período, escreve: “[...] tive o ensejo de elaborar, como tese apresentada ao concurso de Livre Docência na USP, a obra ‘Teoria e Clima Urbano’, uma contribuição que considero um esforço original para o estudo da qualidade ambiental urbana” (Monteiro, 2007, p.12).

O esforço original, ao qual o teórico se refere, é compreendido como a superação da análise sistêmica então propagada, a qual decorre, em nosso entendimento, de categorias caras à crítica proposta pelo professor, que coloca, de um lado, a categoria tempo, constituinte fundamental de análise, e promove, de outro, a ruptura com o tempo linear, envolvendo os entendimentos do ritmo, da incerteza, do movimento, em suas observações. Trata-se de uma demonstração de grande conhecimento sobre Ciência e sobre Filosofia trazida neste momento, que, em certa medida, passou ao largo dos adeptos do sistemismo clássico, centrados na funcionalidade e na ordem. Ao pensar em ritmos, em eventos extremos e em episódios de grande magnitude, o professor Carlos Augusto introduzia complexidade ao sistema, contudo, sem criar modelos explicativos, uma vez que tratava das derivações da natureza e das transformações desta no tempo e no espaço.

Uma segunda categoria que Monteiro supera diz respeito ao espaço, enquanto ente absoluto, pois o espaço analítico do autor é absoluto, é relativo e é relacional. A configuração do clima, em sua teoria sobre o clima urbano, revela um espaço absoluto, a cidade de São Paulo, transformando-se ambientalmente, em decorrência de relações que se estabelecem entre o solo urbano e a baixa atmosfera, em ritmos e em intensidades, que acontecem no tempo, de forma associada a processos mais gerais de circulação atmosférica.

Na sua obra, tais modificações expressam movimentos na natureza, que são explicitados como **derivações**, enquanto as mudanças sociais configuram movimentos na História — por vezes, crises —, na Geografia e nas ciências em geral. Ao se referir à Geografia e à aproximação desta com a História, perspectiva que podemos acompanhar em sua pesquisa, em suas reflexões teóricas e em análises de suas memórias, o professor assim se manifestou, no texto *Dossiê: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro – Professor Emérito da FFLCH – USP, no ensejo de seu 80º aniversário 1927-2007*:

Aqui minha paixão pela história implica necessariamente num extravasamento para aquilo que, embora não sendo o core desta ciência, a “memória” é algo que ajuda em muito, sobretudo pelo subsídio que uma crítica eficiente e meticulosa pode auxiliar o dever. (Monteiro, 2007, p.9)

Essa substância da crítica o acompanha e, chegando aos anos 1980, dedica-se a análise ambiental, sobretudo aquela vinculada ao planejamento. Conforme indica em inúmeras entrevistas, o professor avalia, contrapõe e constrói um sistemismo próprio, que, para ele, era eficiente para arquitetar um caminho de integração entre natureza e sociedade, objetivando aferir as derivações destas, frente aos problemas ambientais. Porém, sua crítica deixou claro o limite da análise sistêmica, seja na concepção de tempo, seja na dificuldade de interpretação de processos sociais mais complexos, os quais a leitura a partir de ação humana certamente não permitia captar dado sua generalidade. Do mesmo modo, tal movimento revela a possibilidade de esta perspectiva estimular a produção do conhecimento interdisciplinar, outra de suas observações analíticas.

Ocorre um significativo movimento de aproximação científica não só entre as ciências ditas puras, exatas (*hard sciences*) e aquelas sociais, humanas, “humanidades” (*light sciences*). Ocorre um significativo movimento de aproximação científica não só com as ciências, mas também com as letras e até mesmo com as artes o que não deixa de ser um importante passo para a produção de um conhecimento mais conjuntivo, ou seja, a necessária nova episteme. (Monteiro, 2007, p. 23)

Um julgamento mais vagaroso de sua obra permite perceber que o autor não desconhecia os processos sociais mais amplos na estruturação da nossa sociedade, mas direcionava seus interesses às implicações destes processos na vida cotidiana de diferentes pessoas e lugares. Tais questões se revelam no artigo *On the “desertification” in northeast Brazil and men in this process*, publicado a partir de seu trabalho no Japão. Essa leitura, sustentada pela análise sistêmica, é reveladora de sua construção acadêmica, brevemente apresentada aqui. De um lado, tem-se um estudo sobre a conexão entre natureza (meio) e sociedade em áreas sertanejas, limítrofes, como é abordado no espaço fronteiro de três estados nordestinos (Paraíba, Ceará e Pernambuco); de outro, sua análise é centrada na concepção geossistêmica, articulando os constituintes naturais e indicando suas limitações, a exemplo do que ocorre com a água: a um tempo, condição fundamental da existência humana e de outro escassez promovendo dificuldade nos habitats humanos.

Do mesmo modo, o professor traça uma narrativa sobre as vidas dos habitantes locais, que denominou Severinos (nome próprio atribuído a um grande número de

nordestinos. Das conclusões deste estudo, ressaltar algumas de suas reflexões em relação ao conceito de desertificação, que norteou a investigação:

Within the scope of the study area, and perhaps beyond it the concept of "desertification" is not to be discarded of hands. It must be taken rather as a warning than as an irreversible calamity. This assumption stems from the main facts:

a) confirming the fact pointed out by Ab'Saber: This process is closely related to some specific local occurrences (geotopes).

b) the extent and gravity of the social-economic problem are undeniably more significant than the environmental one. (Monteiro, 1988, p.17)

Em síntese, considera que esta questão possa ser mais bem refletida, pois, para ele, esta ainda não se encerrou, pois as problemáticas da seca e da fome devem ser submetidas a instâncias nacionais. "Severino da serra nua é [e deve ser] visto não só como sertanejo, mas como brasileiro". (Monteiro, 1988, p. 17, inserção nossa).

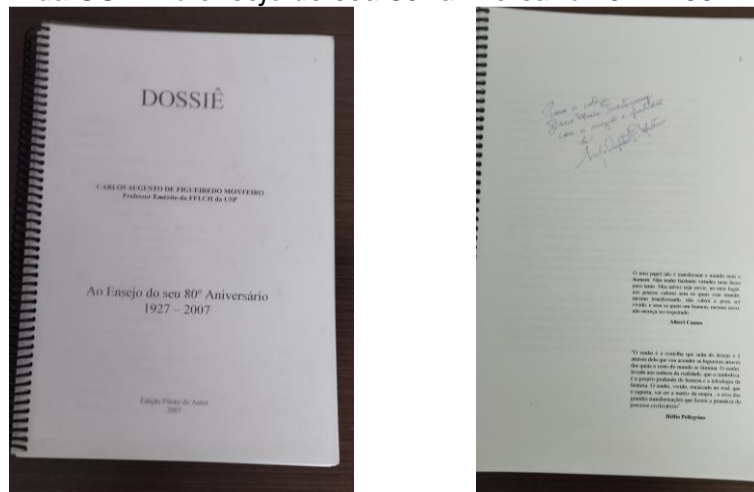
Movimento 2 - Diálogos com a Ciência e com a Filosofia

O rio não quer ir a nenhuma parte, ele quer é chegar a ser mais grosso, mais fundo. (Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*)

O que denominamos segundo movimento constitui uma leitura do diálogo entre do professor Carlos Augusto com o conhecimento científico, sobretudo os oriundos da Física, da Química e da Biologia, acrescida de seus colóquios com a Filosofia, considerando o exposto em Monteiro (2006) e no texto em homenagem aos seus 80 anos³ (2007) (Figura 1).

³ Tive a honra de ser presenteado com um exemplar desta obra, cujo título é Dossiê: *Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. Professor emérito da FFLCH da USP. Ao ensejo do seu 80º Aniversário 1927-2007*, em Edição Piloto do Autor.

Figura 1 – Ilustrações do livro *Dossiê: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. Professor Emérito da FFLCH da USP. Ao ensejo de seu 80º aniversário 1927-2007*



Fonte: acervo pessoal da autora.

Em sua obra, o professor construiu pontes com outros campos do conhecimento, demonstrando como a Geografia poderia se inserir na “inexorável mudança do mundo”, conforme suas palavras. Nesse sentido, elabora reflexões sobre o movimento do conhecimento, trazendo o pré-socrático Heráclito de Éfeso (450 a.C.) para a centralidade de sua construção, ao enfatizar que, assim como a máxima expressão deste filósofo grego — “tudo flui” —, as mudanças podem ser consideradas inexoráveis.

Ao trazer esta perspectiva de tempo para a Modernidade, o professor Carlos Augusto se refere à ciência pós-Kuhn (1961), que aponta as transformações da Ciência, através da indicação de períodos normais, ou seja, tempos em que uma teoria explicativa assume a compreensão de determinados fenômenos e que constitui a base do conhecimento por um movimento revolucionário, em que um paradigma do desenvolvimento científico anterior é substituído, a exemplo de Einstein com a Teoria da Relatividade.

Mas é relatando questões inseridas nos debates da Geografia, em particular aquelas que norteavam suas buscas na ciência — sobre a relação natureza/sociedade, na qual a junção entre o natural e o social é vista como **unitária** —, que o autor se encontra com o livro *Unifying Geography: Common Heritage, Shared Future* (de 2004). Ao ler esta obra, o professor se sente contemplado, a partir dos questionamentos feitos por colegas num período em que a compartimentação entre

as geografias Física e Humana se acentuava, uma vez que o texto faz referência ao “eterno retorno”, o que constituía questão crucial na sua pesquisa.

[...] seria isto adesão ao tempo circular configurando o eterno retorno? Seria uma vinculação à espiral ascendente, onde não se configura um nítido retorno posto que fosse uma projeção coincidente entre o rebatimento do campo superior e inferior? Em minha opinião seria antes a concepção do tempo espesso, bergsoniano, onde o presente não descarta os pontos positivos do passado e projeta-se a outros pontos desejáveis no futuro. (Monteiro, 2006, p.18)

Seu diálogo a respeito do tempo coloca reflexões sobre interioridade e exterioridade, sobre homem x natureza e sobre natureza humana em um mesmo movimento.

Em relação à interioridade e à exterioridade, o professor Carlos Augusto debate com o sofista Protágoras de Abdera (c485 a.C.-c420 a.C.), para quem o homem é a medida de todas as coisas, doutrina que fundamenta Pascal e Descartes, máxima que derivou na ideia de que o homem deve assumir papel referencial no mundo, consolidada na doutrina judaico-cristã. Por outro lado, a tal concepção faz o contraponto crítico de Nietzsche, que, ao fazer a crítica ao homem como criador de valores, esquece sua criação, pois os valores deste não são “[...] mais do que humanos, demasiado humanos. Esse antropocentrismo (ou sua negação)forja a própria Ciência, a exemplo da Ecologia (*Hard Ecology*), em que o homem é apenas mais um animal.

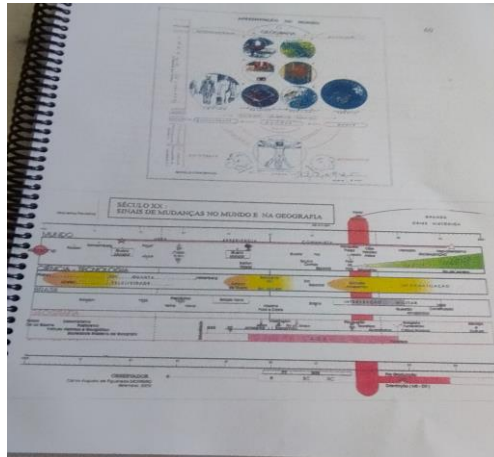
No jogo entre a interioridade e a exterioridade humanas, outra dualidade é questionada: razão e “derrição”. Nesse sentido, a razão se destaca como condutora da Ciência, admitindo que esta inaugura uma nova modernidade, na medida em que todas as coisas mudam, tendo em conta as transformações nas ciências físicas, sobretudo com as teorias da relatividade e dos quanta. Essa nova modernidade, ao mesmo tempo em que indica um movimento de aproximação entre as ciências duras (exatas) e as ciências sociais (humanas), gera um dinamismo de caráter oposto, que hostiliza as ciências humanas e que fragmenta o conhecimento. Nesse contexto, que define como crise, o professor indica que “[...] é lamentável quanto se estava num momento de exaltação à prática da **interdisciplinaridade**, o que facilita o conhecimento mais cognitivo. (Monteiro, 2006, p.24).

Contrário à fragmentação, reforça sua convicção na unidade, quando afirma: “[...] parece-me claro que a nós conviria uma geografia que tivesse como objeto, sob

um caráter unitário, a relação sociedade natureza que, embora complexa e difícil, não é impossível de alcançar (Monteiro, 2006, p.25).

A forma de expressão do seu pensamento é reveladora de uma preocupação com a abrangência do conhecimento, buscando sempre entender a Geografia em escalas têmporo-espaciais mais amplas. Essa forma se consolidou em importantes linhas de tempo superpostas, as quais indicam fatos relevantes no curso do tempo, sobretudo no do século XX, seja na Economia, seja na Política (Geopolítica), seja na Filosofia, seja na Geografia, dimensionando a relevante articulação da Geografia com os movimentos do mundo e do conhecimento. (Figura 2).

Figura 2 – Apresentação do mundo no século XX: sinais de mudança no mundo e na Geografia



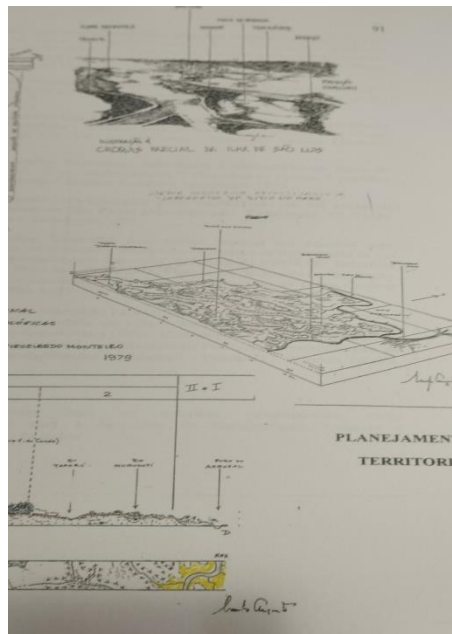
Fonte: Monteiro (2007)

Movimento 3 - Diálogo com as artes

Sertão é isto o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera; digo. (Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*)

Falar da interação com as artes e da presença desta dimensão da cultura humana na obra do professor Carlos Augusto é reconhecer a abrangência de sua visão de mundo e a sua profunda sensibilidade. A Arte se expressa em toda a sua produção científica, através de mapas, de croquis, de gráficos, de esboços de paisagens, entre outros, todos feitos a mão e a “bico de pena” em pranchas de grande tamanho, o que sempre dificultou suas reproduções em livros e/ou em capítulos impressos e trouxe dificuldades aos editores na divulgação de seus textos (Figura 3).

Figura 3 – Ilustração em relatórios de planejamento territorial



Fonte: Monteiro (2007)

Em suas aulas, o professor resgatava obras literárias e/ou trabalhos de artes plásticas para ilustrar e, também, para estabelecer um diálogo entre percepções, no qual a interioridade e a exterioridade se mostravam de formas livre e criativa.

Após a aposentadoria, período de sua trajetória acadêmica que denominou **reflexão**, aproxima-se muito da literatura:

A retomada relativamente recente de interesse da Geografia Cultural, sobretudo aquela que se volta à linha humanística, levou-me a escolher aquela de relacionamento ciência-arte, dirigindo-me a relação Geografia e Literatura em nosso país. (Monteiro, 2006, p.14)

Na ocasião, publica *O mapa e a trama: ensaio sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas* e escreve dois ensaios: *O homem arcaico e a sacralização da terra* e *A pintura de Miguel Dutra (1810-1875)*. O primeiro ensaio se referiu ao documentário cinematográfico *Seo Chico*, de José Rafael Gallotti Mamigonian, e o segundo, faz a leitura dos significados geográficos na obra de um artista plástico do século XIX.

Nesse período de sua Geografia, idealiza a construção de uma obra em comemoração aos cinco séculos da América, dando início ao projeto sobre o Brasil nos anos 1500 e 2000, produção que denominou *O cristal e a chama*.

Ao fazer a leitura de seu *Dossiê* (2007), o item que indica obras inéditas registradas revela grande quantidade de escritos, como textos de artigos e de

palestras realizadas, evidenciando a vasta obra do autor. Esse conjunto conforma uma diversidade de temas, que perpassa a Geografia, a Climatologia, o ambiente, a interdisciplinaridade, o planejamento ambiental, além da relação Geografia-Arte. Nesse sentido, cabe destacar *O real e o mítico na paisagem do Grande Sertão*, palestra proferida na Semana Roseana de Cordisburgo (MG) de 1998 e *O pacto das veredas mortas (entre o amor e a vingança)*, comunicação em uma mesa-redonda na Semana Roseana de Cordisburgo-MG em 2004. Sua participação nos eventos das semanas roseanas é indicativo basilar de seu apreço pela obra de Guimarães Rosa, renomado autor brasileiro, e suas leituras e escritos roseanos denotam sua singular aproximação entre Geografia e Literatura.

No momento em que escreve *Dossiê* (em 2007), muitas de suas obras, em particular algumas das citadas aqui, eram inéditas. Um conjunto destas foi publicado, mas a grande maioria dos textos de seu acervo intelectual permanece inédita, logo promover o resgate e a divulgação da produção do professor Carlos Augusto deve ser objetivo das gerações futuras, buscando ler e cogitar sobre seus ensinamentos e sobre suas reflexões, as quais permitem compreender sua posição e sua atualidade na Geografia brasileira.

Movimento 4 - Das aproximações acadêmicas e das vivências

Conforme foi. Eu conto; o senhor me ponha ponto.
(Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*)

Das experiências e das justaposições acadêmicas destaco três obras: *Geomorfologia da Região Sul* (de 1963), *Clima e excepcionalismo* (de 1991) e *Geossistema, a história de uma procura* (de 2001).

Minha primeira aproximação, em relação ao professor Carlos Augusto, foi através de seu capítulo sobre Geomorfologia publicado em *A grande Região Sul*, pelo IBGE, em 1963⁴. Nesse momento, eu estava cursando Geografia na UFSM (1969-1972) e meu gosto pela Geomorfologia resultava das brilhantes aulas do professor Ivo Lauro Müller Filho, que tinha, como instrumento didático, ilustrações feitas a mão no quadro negro, nas formas de croquis, de esquemas e de paisagens, com as quais

⁴ MONTEIRO, C. A. de F. Geomorfologia. In: MONTEIRO, C. A. de F. **Geografia do Brasil – A grande Região Sul**. Rio de Janeiro: IBGE; CNG, 1963.

complementava suas aulas. Foi ele quem indicou, como referência de leitura, a obra do professor. Aqui, frisa-se que os mestres da Geografia, da Geomorfologia e da Climatologia (Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Aziz Nacib Ab'Saber e Ivo Lauro Müller Filho) se utilizavam de ilustrações na complementação de suas explicações de sala de aula. Sem dúvida, o movimento de processos-formas expresso em sucessivos croquis ou, mesmo, nos atos de apagar e de reconstruir um mesmo esboço colocava a dimensão que funda suas análises do espaço-tempo e suas transformações, suas dinâmicas e seus ritmos.

O texto em questão rendeu grande aprendizado sobre minha região de inserção/nascimento: a fronteira do Rio Grande do Sul. Essa leitura guardo na lembrança, até hoje, e faço referências a ela, embora me pareça que esteja ausente nas atuais formações de geógrafos(as). Nesse caminho, considero que um desenvolvimento amplo em Geografia - e em Geomorfologia, especialmente - deveria levar em conta os textos clássicos, e este é um dos textos clássicos, à medida que revela os caminhos analíticos e interpretativos de um momento, em que a Geomorfologia se fazia em moldes distintos dos atuais.

Quando focalizado no seu conjunto, o Brasil meridional apresenta um quadro aparentemente homogêneo e unitário. Esta unidade geral, que não implica em uniformidade, é dada por uma estrutura geológica relativamente simples que revela, à leste, terrenos de um escudo antigo (pré-cambriano) em cujo flanco ocidental se apóia, em sucessão de terrenos sedimentares intercalados com derrames e intrusões magmática (paleozóicos e mesozóicos), a parte oriental da grande bacia que tem por eixo o rio Paraná. (Monteiro, 1963, p. 15)

A segunda obra, *Clima e excepcionalismo* (de 1991), adentra num universo mais extenso da ciência geográfica e foi basilar para mim, na medida em que pude aprofundar o entendimento da produção acadêmica do professor Carlos Augusto, ao ser confrontada com sua “viagem” pela Geografia. Essa leitura me despertou para a necessidade de conhecer a produção científica e de adentrar em outros campos, como o da Filosofia.

Em *Clima e excepcionalismo*, um texto de escrita densa, o professor dialoga com Kant (da Filosofia), com Sorre, com Pédélaborde, com Serra (da Geografia e Climatologia), com Stall (da Química do século XVIII), com Prigogine (da Química), com May (da Biologia Genética), com Feigenbaum (da Física), com Mondelbrot (da Geometria), com Lorenz (da Climatologia), entre tantos, e abre espaço para a conexão

Ciência-Geografia. Com isto, foi aberto um caminho que sigo, por sua influência, ainda que minhas escolhas dialógicas tenham sido outras.

É relevante trazer aqui a justificativa para a presença do termo “excepcionalismo” no título da obra em realce, a qual está centrada na crítica ao artigo de Shaefer (1953), divulgado em um movimento de renovação da Geografia, dentro de uma perspectiva teórica quantitativa. O professor faz uma apreciação crítica da indicação de Schaefer de que o excepcionalismo seria um “pecado” associado à Geografia Clássica. Sua leitura e crítica centra-se sobre nas análises setoriais do clima:

[...] esta análise é apenas um veículo de elaboração no conhecimento geográfico, prevalecendo acima de tudo, a necessidade de uma visão unitária, bem longe da idéia schaeferiana de uma Geografia Física com leis “não geográficas” posto que não morfológicas e uma Geografia com um core econômico de ciência social. (Monteiro, 1991, p. V)

A leitura crítica de Schaffer nos aproxima no diálogo, na medida em que eu buscava uma visão unitária e anunciava posições críticas às tendências da denominada “Nova Geografia”, fundada no neopositivismo.

Mais adiante, o professor questiona a precariedade dos esquemas das revoluções científicas, de Kuhn, e informa sua filiação à concepção de Feyerabend, expressa em *Contra o método*. Com esta adesão, sua concepção de ciência se torna enfática, na medida em que se mantém na busca pela unidade da Geografia, após a fragmentação: contraria a uniformidade e a conformação de leis de explicação geral, bem como as análises de perspectiva social, centradas na Economia (ainda que não ignore tal dimensão na vida das populações nas diferentes escalas) —, e propõe uma “abertura” metodológica, uma nova racionalidade e um conhecimento mais conjuntivo.

Ao fazê-lo, resgata a conjunção natureza, sociedade, ciência e arte e a indissociabilidade geográfica do espaço-tempo. Percebo, aqui, mais uma evidência de nossa aproximação: se, de um lado, o professor questiona o método único, de Feyerabend, de outro, tenho informado, quando sou questionada sobre o método em meu percurso investigativo, que sigo a expressão poética “[...] *caminante no hay camino El camino se ase al andar*”, de Antonio Machado.

A terceira obra, *Geossistema, a história de uma procura*, é especialmente relevante em nossa aproximação, na medida em que foi na USP dos anos 1970 — sobretudo em 1977, quando ingressei no mestrado — que adentrei nas leituras sobre geossistemas. Nesse tempo, líamos os textos clássicos — traduzidos por Monteiro e

difundidos na USP e para além dela —, como perspectiva analítica integradora na Geografia Física. Mas, foi no doutorado que aprofundei minha compreensão sobre esta perspectiva e, ao mesmo tempo, procurei me distanciar da abordagem, tendo em vista os três pressupostos da análise sistêmica de então: a inserção de um homem genérico como agente de transformação dos sistemas (o que representa um problema *per se*); a funcionalidade a-histórica como dimensionamento da análise integrada; e o objetivo social desta aproximação: o controle do sistema via intervenção.

O caminho escolhido por mim foi outro — que não cabe indicar aqui —, mas importa apregoar o diferencial da concepção sistêmica edificada pelo professor Carlos Augusto, que promove a superação crítica da funcionalidade a-histórica do sistema, à medida que valoriza o tempo-espço histórico, que percebe as conexões sob diferentes escalas, que reivindica a ligação de processos díspares na constituição do sistema, sejam naturais, sejam antropogênicos, e que analisa o sistema temporalmente, sem necessariamente compreendê-lo como algo em equilíbrio/desequilíbrio, mas em termos de regimes e de derivações de seus componentes. Essa construção encerra, em meu entendimento, movimento de avanço das premissas inicialmente difundidas na teoria.

A partir da análise sistêmica, o professor aceita as possibilidades de forjar a unidade da Geografia e de detectar problemas ambientais, subsidiando o planejamento. Para ele, o aspecto mais promissor e relevante nesta análise se liga:

[...] às técnicas de modelização convergente para a caracterização de regime dos geossistemas o que é capital para a dinâmica processual dos mesmos. Para quem, no estudo dos climas ressalta a importância dos “ritmos” e da “dinâmica temporal”, projetadas sobre o espaço, esse aspecto técnico foi um dos procedimentos mais bem vindos ao meu programa de pesquisa (Monteiro, 2001, p.48)

Ao final de sua narrativa histórica, e ao realizar um exame do conceito de geossistema, avalia:

[...] nada indica que no conceito de geossistemase haja formado para a Geografia um paradigma, nem mesmo para a geografia Física...Mais de trinta anos se passaram desde que se possa falar em formulação cabal desse conceito, que continua abstrato e irreal, disputando lugar com vários outros congêneres — ecossistema, geoecossistema, paisagem, unidades “homogêneas”, etc., etc. Impossível será confirmar a hipótese de um consenso já que a procura, a variedade de caminhos o inacabamento de produtos alcançados, exibem mais um período revolucionário do que um período normal. (Monteiro, 2001, p. 103)

Nesse sentido, em relação à análise sistêmica, temos afinidades que se traduzem na chance de unificação da Geografia a possibilidade de uma análise mais

complexa, que dimensione o tempo histórico processual para além da exclusiva funcionalidade e, sobretudo, que constitua uma alternativa analítica não necessariamente única e uniformizante.

Resta-nos, ainda, e nisto há elementos na obra do professor, a colocação a compreensão do que se denomina ação humana. Esse, enquanto elemento de transformação do sistema é compreendido como genérico, logo as contradições sociais ficam obscurecidas.

Das vivências

Mas tem horas que me pergunto: se melhor não seja a gente tivesse de sair nunca do sertão.
(Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*)

Outras convivências encerram este artigo; aquelas cuja lembrança constitui minha manifestação de gratidão, pela sua obra, pelo convívio consigo e pelos seus ensinamentos, que abriram caminhos e que permitiram fortalecer minha perspectiva de unidade na Geografia.

Entre as inúmeras viagens ao Rio Grande do Sul, destaco sua presença na Campanha do estado (na região da fronteira), em busca de informações para outra de suas pesquisas, a qual, por diversas razões, não foi em frente. Nesse percurso, conversamos algumas vezes, quando o professor se referia ao Pampa como uma região com características de identidade similares às do Sertão.

Minha primeira visita ao Rio Grande do Sul deu-se em 1958 quando, já lecionando Geografia Física na Faculdade Catarinense de Filosofia, em Florianópolis, e assessorando o Departamento Estadual de Geografia e Cartografia do Estado de Santa Catarina, compareci, com um grupo de alunos, à Assembléia Geral da AGB realizada na cidade de Santa Maria. Integrei o grupo de pesquisa dirigido a Júlio de Castilhos, durante meu período de atuação em Florianópolis (outubro de 1955 a março de 1960) e tive ocasião de vir algumas vezes a Porto Alegre. Já docente da USP no início dos anos setenta realizei trabalhos de campo na Campanha Gaúcha atraído pela curiosidade sobre os efeitos que algumas “secas” severas produziam nos rebanhos (Monteiro, 2007, p. 3)

Quando o curso de Geografia da UFRGS completou 60 anos, o professor Carlos Augusto foi palestrante na abertura do evento, quando discorreu sobre a Geografia e sobre sua trajetória. De sua fala, transcrevo aqui um dos três motivos que o levou a seguir o curso.

Diria que dos três fatores básicos que me impeliram para a geografia foram, em primeiro lugar, urna certa desorientação, descambando para uma sensação de despertencimento à terra. Quem sou? De onde vim? Para onde vou? Um problema sério que me acompanharia pela vida a fora e que eu só iria “resolver”

quando após minha aposentadoria como professor titular no Depto. de Geografia de FFLCH-USP —. mergulhei fundo na memória, em pesquisa no arquivo público, do Piauí, no relicário familiar, que resultaria numa obra estruturada em cinco volumes, num total de cerca de 2000 páginas, vasculhando História e Geografia do Piauí, e o cruzamento de quatro troncos familiares, ao - DE QUE ESTOFO SÃO FEITOS OS GEÓGRAFOS? O que me diz esta longa vivência de quase meio século? Ao longo de quatro gerações (1850-1950). Só ao final de minha carreira de geógrafo, um sério mergulho na realidade geográfica e histórica de minha terra, mais aquelas sócio-econômicas de minha família, através de uma verdadeira catarse iria esclarecer a orientação de toda uma vida (Monteiro, 2004, p.1)

Nessa passagem, revelam-se sua trajetória e sua presença/ausência do lugar de nascedouro, aspecto que o acompanhou e que também nos acompanha, em particular; é mais uma de nossas aproximações, o sentimento comum dos migrantes.

[...]

*Somos una especie en viaje,
no tenemos pertenencias, sino equipaje.
Vamos con el polen en el viento,
estamos vivos porque estamos en movimiento.*

*Nunca estamos quietos,
somos trashumantes,
somos padres, hijos, nietos y bisnietos de inmigrantes.
Es más mío lo que sueño que lo que toco.*

[...]

(Jorge Drexler, *Movimiento*)

Em seu percurso, adentra no Rio Grande do Sul, mas, também, nos diferentes rincões do Brasil, como exposto em sua fala no evento em relevo.

Malgrado toda a complexa trama de nosso problema sócio econômico, encanta-me nossa natureza tão variada e o nosso mosaico cultural tão rico e complexo, mas perfazendo uma unidade assegurada pela herança da língua portuguesa. “O adolescente piauiense que não gostava muito das querelas históricas no Rio de Prata entre portugueses e ‘castelhanos”, era fascinado pela literatura que revelava o Rio Grande do Sul. Encantavam-me os romances de Érico Veríssimo. Dava tratos para imaginar o belo que deveria ser olhar os “pessegueiros em flor” (Olhai os Lírios do Campo) como, mais tarde, já no Rio de Janeiro, cursando a então Faculdade Nacional de Filosofia da UB e auxiliar de geógrafo no Conselho Nacional de Geografia (IBGE) líamos e discutíamos os textos e personagens fascinantes dos primeiros volumes d’ O Tempo e o Vento. Se o Piauí é a porção mais pobre e menos conhecida do Brasil, sinto em casa também nos Rios Grandes — do Sul e do Norte — na Bahia, Minas Gerais, no Sudeste onde tenho vivido, na Amazônia, no Centro — Oeste (para onde dirigi meu primeiro artigo publicado. (Monteiro, 2004, p.3)

Viagens e encontros

Os lugares sempre estão aí em si, para confirmar.
(Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*)

Em viagens e em reuniões profissionais, encontrávamo-nos — e fumávamos juntos, em silêncio. Nesses encontros, a conversa corria solta, abrangendo os temas mais variados: Geografia, Arte e andanças pelo Brasil e pelo planeta. O professor Carlos Augusto viajou o Brasil e o mundo, do ocidente ao oriente; ensinou no Japão e percorreu os países asiáticos; conheceu geógrafos e estudiosos de várias nações; participou de comissões (como a UGI); e difundiu a Geografia brasileira com muita propriedade. Seu currículo é vasto e permite perceber estes movimentos.

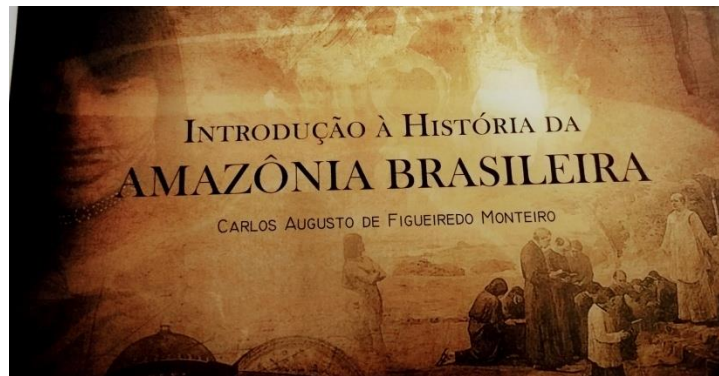
Nesse texto, a título de memória, resgato uma viagem de que participei: estávamos em Goiânia (GO) e fui convidada para ir a Goiás Velho, cidade que não conhecia. Acompanhada pelo professor, percorri a cidadezinha, ouvindo-o falar sobre ela e sobre sua história, e visitei a casa de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (Cora Coralina). Conhecer o lugar em que esta poetisa e contista brasileira viveu e, mais do que isto, visitar a casa/ateliê da artista Goiandira, em presença desta e do amigo Francisco Mendonça, foram momentos que preservo na memória e, mesmo, em algumas fotos que guardo.

O ENANPEGE 2017 e o livro sobre a Amazônia

Em 2017, Porto Alegre (RS) sediou o XVII ENANPEGE, evento nacional da ANPEGE. No encerramento desta reunião, o professor Carlos Augusto, então com 90 anos, completados no mês de março daquele ano, esteve presente, acompanhou todo o evento e nos brindou com uma palestra inolvidável. À ocasião, foi lançado o livro *Introdução à história da Amazônia brasileira* (Figura4), a partir de parceria firmada entre UFAM e ANPEGE, através do colega José Aldemir de Oliveira, docente daquela instituição. Na contra capa da obra, está escrito:

A Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia – ANPEGE disponibiliza à Geografia brasileira a publicação desta obra, em parceria com a UFAM. Trata-se de um livro de autoria do Professor Doutor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, com significativa contribuição a compreensão do Brasil. *Introdução à História da Amazônia Brasileira*, elaborada com o rigor e a arte que o caracteriza, na elaboração de seus textos. Nossa homenagem ao ilustre geógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro.

Figura 4 – Ilustração do livro *Introdução à história da Amazônia brasileira*, de Carlos Augusto de F. Monteiro



Fonte: acervo pessoal da autora

Tendo cumprido noventa anos e estando presente no congresso da ANPEGE, em Porto Alegre, esse foi mais um momento de encontros e de festejos. À ocasião, comemorou-se os aniversários deste e de um grande nome da pedologia/geografia, o professor José Pereira de Queiroz Neto, do Departamento de Geografia da USP.

Dois anos depois, em 2019, ao finalizar o XVIII ENANPEGE, que se realizou na USP, tivemos novo encontro em Campinas, cidade em que residia — o último presencial. Nesse dia, fui presenteada com o dossiê, que escreveu em comemoração aos seus 80 anos e que constituiu a fonte de muitas das informações aqui colocadas.

O texto que ora encerro está longe de se acercar da amplitude e da profundidade da obra do professor, bem como de suas láureas e de seus percursos; tal constitui apenas um registro de parte de sua trajetória e de sua contribuição à Geografia brasileira, mas, com este escrito, agradeço pela sua presença por longos tempos, com a qual aprendi, pelas suas ponderações, a partir das quais refleti, e pela companhia no desafio — que, tendo sido o dele, também tem se configurado no meu — da busca pela unidade na Geografia. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, ao mestre, minha gratidão (*in memoriam*).

Já tenteou sofrido o ar que é saudades?
(Rosa, 1984, p.22)

REFERÊNCIAS

- MONTEIRO, C. A. de F. 60 anos da Geografia UFRGS. *In*: 60 ANOS DA GEOGRAFIA UFRGS, 2007, Porto Alegre. **Palestra do Prof. Dr. Carlos Augusto Figueiredo Monteiro**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/paraonde/article/viewFile/22128/12825>. Acesso em: 17 jun. 2023.
- MONTEIRO, C. A. de F. **A questão ambiental na Geografia do Brasil**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2003. 49 p.
- MONTEIRO, C. A. de F. **Clima e Excepcionalismo - conjecturas sobre o desempenho da atmosfera como fenômeno geográfico**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1991. v. 1. 239 p.
- MONTEIRO, C. A. de F. **Depoimento Reflexivo sobre a produção de um geógrafo brasileiro da segunda metade do século XX**. Alagoas: Ed. Uneal, 2013. 133 p.
- MONTEIRO, C. A. de F. **Dossiê: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro professor Emérito da FFLCH da USP. Ao ensejo do seu 80º Aniversário 1927-2007**. [São Paulo]: Edição Piloto do Autor, 2007.
- MONTEIRO, C. A. de F. Geografia entre os séculos XX e XXI: minha convivência na 2ª metade do 1º e na entrada do 2º e inquietações sobre o futuro. **Geografia**, ano VIII, n. 16, 2006.
- MONTEIRO, C. A. de F. **Geografia Sempre - O homem e seus mundos**. [S. l.]: Edições Territorial, 2008.
- MONTEIRO, C. A. de F. **Geossistemas - História de uma procura**. São Paulo: Contexto, 2001. v. 1. 154 p.
- MONTEIRO, C. A. de F. **Introdução à história da Amazônia brasileira**. Manaus: Ed. UFAM, 2012. 144 p.
- MONTEIRO, C. A. de F. **O cristal e a chama**. Dourados: Ed. UFGD. 2013. 287 p.
- MONTEIRO, C. A. de F. **O estudo geográfico do clima**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1999.
- MONTEIRO, C. A. de F. **O mapa e a trama - Ensaio sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002. 242 p.
- MONTEIRO, C. A. de F. On the “desertification” in Northeast Brazil and Man’s Role in this Process. **Latin American Studies**, Ibaraki, Universidade de Tsukuba, v. 9, p. 39, 1988.
- MONTEIRO, C. A. de F. **Rua da Glória**. [S. l.]: Edição Piloto do Autor, 1993. 1520 p.
- MONTEIRO, C. A. de F. **Tempo de Balaio - Uma sinopse da evolução histórica do Piauí a partir da situação vigente no meado do século XIX, após a consumação da Guerra dos Balaio, quando da mudança do capital**. [S. l.]: Edição Piloto do Autor, 1993. 339 p.
- MONTEIRO, C. A. de F.; MENDONÇA, F. **Clima Urbano**. São Paulo: Contexto, 2002. 192 p.
- ROSA, J.G. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Círculo do Livro; Nova Fronteira, 1984. 468 p.

NOTAS DE AUTOR

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Dirce Maria Antunes Suertegaray - Concepção e elaboração do manuscrito. Revisão e aprovação da versão final do trabalho.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em: 24-08-2023

Aprovado em: 06-03-2024